

## UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO CIDADE-CAMPO E A DINÂMICA URBANO-RURAL NO MUNICÍPIO DE ILHA SOLTEIRA (SP)

ROSA, Audrey Ferreira<sup>1</sup>

Recebido (Received): 2018-01-21 Aceito (Accepted): 2018-11-10

DOI:

### Resumo

A discussão sobre a relação urbano-rural e seu par dialético não é recente, muitos estudos procuram definir o campo e a cidade e as relações entre eles, utilizando-se de diferentes concepções e teorias. Nesse sentido, ao longo desse artigo foi realizada uma revisão bibliográfica, na qual se identificam diferentes formas de se compreender o urbano e o rural, evidenciando a complexidade desse tema do ponto de vista da diversidade das relações existentes. Contribuindo para essa análise foi estudado o município de Ilha Solteira (SP), que permite compreender as relações entre a cidade e o campo na formação desse local, que foi planejado como residência para os trabalhadores da Companhia Energética do Estado de São Paulo (CESP), com um padrão de distribuição das casas de acordo com o nível profissional desses trabalhadores e a instalação de um Cinturão Verde, que permitiria a autossuficiência do município e a instalação do assentamento Estrela da Ilha em 2005. Dessa forma, a partir da análise teórica e empírica no município, buscou-se compreender a relação cidade-campo no município de Ilha Solteira, mostrando as alterações que ocorreram e como essas mudanças também contribuem para a necessidade de modificações conceituais para se explicar os fenômenos recentes.

**Palavras-chave:** Cidade-campo. Urbano-rural. Espaço periurbano. Ilha Solteira.

## THE ANALYSIS OF THE CITY-COUNTRY RELATIONSHIP AND THE URBAN-RURAL DYNAMICS IN THE MUNICIPALITY OF ILHA SOLTEIRA (SP)

### Abstract

The discussion about urban-rural relationship and its dialectical pair is not recent. Many studies have tried to define both, country and city and the relationships among them, using different conceptions and theories. In this regard, a bibliographic review was carried out along this article, in which a host of ways of understanding the urban and rural areas are identified, given the complexity of this issue from the point of view of the diversity of existing relations. Adding to this analysis, we have studied the municipality of Ilha Solteira (SP), which has allowed us to understand the relationship among the city and the countryside, contributing to its formation, designed as a residence for employees from Companhia Energética do Estado de São Paulo (CESP), following a distribution pattern of the residences, according to the professional levels of these workers, and the installation of the Green Belt that would allow its self-sufficiency, and the settlement on Ilha da Estrela in 2005. Thus, based on the theoretical and empirical analysis of the municipality, we have sought to understand the city and the field relationship in the municipality of Ilha Solteira (SP), pointing out the changes which have taken place as well as how these changes have also contributed to the need of conceptual changes to explain the recent phenomena.

**Keywords:** City-field. Urban-rural. Peri-urban space. Ilha Solteira (São Paulo).

## ANÁLISIS DE LA RELACIÓN CIUDAD-CAMPO Y LA DINÁMICA URBANO-RURAL EN EL MUNICIPIO DE ILHA SOLTEIRA (SP)

### Resumen

La discusión sobre la relación urbano-rural y su par dialéctico no es reciente, muchos estudios buscan definir el campo y la ciudad y las relaciones entre ellos, utilizando diferentes concepciones y teorías. En este sentido, a lo largo de este artículo se realizó una revisión bibliográfica, en la que se identifican diferentes formas de comprender lo urbano y lo rural, evidenciando la complejidad de este tema desde el punto de vista de la diversidad de las relaciones existentes. En este estudio se realizó un análisis del municipio de Ilha Solteira (SP), permitiendo comprender las relaciones entre la ciudad y el campo en la formación de este municipio, el cual fue planeado como

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente. E-mail: Audrey\_rosa@hotmail.com

residencia para los trabajadores de la Companhia Energética do Estado de São Paulo (CESP), con un patrón de distribución de las residencias de acuerdo con el nivel profesional de esos trabajadores y la instalación de un Cinturón Verde que permitiría la autosuficiencia del municipio y la instalación del asentamiento Estrela da Ilha en 2005. De esta forma, a partir del análisis teórico y empírico de este municipio, se buscó comprender la relación ciudad-campo mostrando los cambios que ocurrieron y cómo esos cambios también contribuyen a la necesidad de cambios conceptuales para explicar los fenómenos recientes.

**Palabras clave:** Ciudad-campo. Urbano-rural. Espacio periurbano. Ilha Solteira (São Paulo).

## 1 Introdução

As relações entre a cidade e o campo são bastante complexas e heterogêneas. Análises têm resultado em intensos debates sobre as particularidades do campo e da cidade, desde os estudos que caracterizam as diferenças extremas entre o rural e o urbano, até a possibilidade de que, em algum momento, o campo e a cidade acabem se fundindo.

O que vale ressaltar é que mesmo com as inúmeras definições e diferenciações que existem, o campo e a cidade vêm se modificando ao longo do tempo. Mas será possível estabelecer o que mudou? Como o mundo rural e o mundo urbano absorveram essas transformações? Podemos afirmar que existem novas formas de conceber o campo e a cidade? Se essas novas maneiras de fato se consolidaram, qual é o papel delas nas relações econômicas e sociais entre a população do campo e da cidade?

Tais inquietações perpassam os diversos campos da ciência das humanidades. Sociólogos, economistas, geógrafos entre outros desenvolveram uma série de estudos que visam analisar e entender as dinâmicas que ocorrem no campo e na cidade, com o objetivo de compreender como esses dois espaços interagem entre si e o que mudou nos últimos anos.

Essa relação entre cidade-campo, assim como seu par dialético rural-urbano, pode ser compreendida através da multidimensionalidade desses espaços, das formas de trabalho, da relação com a natureza, do modo de vida das pessoas, entre outros, que podem ser analisados a partir das diferenças e das continuidades.

Existem diversas perspectivas sobre a relação urbano-rural. Alguns estudiosos definem o rural e urbano a partir de suas diferenciações existentes. Existem estudos que defendem a ideia de *continuum* e também há análises partindo do pressuposto de novas ruralidades e urbanidades, o que se permite pensar em áreas urbanas com características rurais e áreas rurais com características urbanas. Faz-se necessário refletir se é possível estabelecer um diálogo entre essas teorias e suas contribuições para a compreensão das relações que envolvem o campo e a cidade e a necessidade de contextualizá-los no espaço e no tempo.

O presente artigo está estruturado em três partes, com o objetivo de fornecer elementos que possam responder às indagações levantadas. A primeira parte consiste numa análise histórica da conceituação do urbano e do rural a partir da dualidade rural-urbano. A segunda parte é dedicada a analisar e refletir sobre as teorias que defendem a existência de espaços de transição entre o urbano e o rural denominado contínuo urbano-rural e o surgimento de novas ruralidades. A terceira parte deste trabalho vai contemplar uma análise das relações entre cidade e campo do município de Ilha Solteira, considerando as teorias que conceituam o campo e a cidade.

A metodologia utilizada para a realização deste estudo consiste em revisão bibliográfica, leitura e análise de textos e trabalho de campo feito no município de Ilha Solteira/SP, realizado por meio da disciplina Relação cidade e campo e desenvolvimento rural, oferecida pelo Programa de pós-graduação em geografia da UNESP de Presidente Prudente/SP, ministrada pela Prof. Dra. Rosângela Aparecida de Medeiros Hespagnol, concluída no primeiro semestre de 2017 e que resultou neste artigo.

Constitui-se como um dos objetivos deste trabalho, compreender a relação cidade-campo nos municípios de Ilha Solteira/SP. A escolha do município de Ilha Solteira ocorreu devido à realização de trabalho de campo da disciplina citada no parágrafo anterior. Tal escolha é pautada nas relações sociais, econômicas e territoriais que deu origem ao município, fundado para receber os funcionários da Companhia Energética do Estado de São Paulo (CESP).

Ilha Solteira se originou a partir da construção de uma usina hidrelétrica pela Companhia Energética de São Paulo (CESP) e possui um núcleo urbano cercado pelo Cinturão Verde e pelo assentamento Estrela da Ilha, o que confere características específicas para o crescimento urbano.

Sabe-se que o município foi planejado com uma área urbana delimitada para receber os funcionários da CESP e com um Cinturão Verde, cujo objetivo era promover a autonomia da cidade em relação ao abastecimento de produtos agropecuários. Assim, somos levados a analisar como as relações sociais e o uso da terra ocorreu no município.

Dessa forma, Ilha Solteira/SP, do ponto de vista geográfico, pode proporcionar elementos para compreender a relação entre o campo e a cidade, tais como os fatores que foram considerados no planejamento do município, a sua delimitação do espaço urbano e rural e as transformações ocorridas ao longo do tempo na produção do espaço pela população que ali reside.

## 2 Da dualidade do espaço rural e urbano

É no campo da sociologia rural que se encontram definições consistentes para se pensar a construção do rural e do urbano. Sorokin, Zimmermam e Gapin, (1986) trazem contribuições para a compreensão das sociedades urbanas e rurais a partir das diferenças e demonstram, através de suas análises, que a definição concernente à sociologia de campo e cidade deve ser descrita a partir de um conjunto de características. Os autores afirmam que as diferenças entre o mundo urbano e o rural ocorrem a partir de um conjunto de aspectos, formando uma definição composta.

A definição sociológica do campo e da cidade não deve ser descritas em termos de uma característica, seja do tamanho da comunidade, densidade populacional, nomenclatura administrativa, composição ocupacional da população ou outros elementos semelhantes. (SOROKIN; ZIMMERMAN; GALPIN, 1986, p. 199)

As diferenças existentes entre diversas características que compõem o campo e a cidade vão determinar a análise dos estudos de Sorokin, Zimmernam e Galpin, (1986), presentes em diversos trabalhos de diferentes campos das ciências humanas. Embora possuam limitações quando se compreende as relações atuais entre a cidade e o campo, esses estudos contribuem para o debate sobre o mundo urbano e o rural.

De acordo com a análise desenvolvida por Sorokin, Zimmernam e Galpin, (1986), o mundo rural é caracterizado pela relação direta que as pessoas possuem com a natureza, vivendo em pequenos grupos. Tais indivíduos dedicam seu trabalho à produção de gêneros agropecuários e convivem com seus vizinhos de maneira harmoniosa, pois são próximos e, por se tratar de pequenos grupos pouco estratificados, conseguem se entender mais facilmente.

No entanto, a cidade seria o oposto, poderia ser entendida, segundo os autores supracitados, como grandes aglomerados de pessoas, que vivem em bairros populosos, sem contato com os vizinhos e que vendem sua mão de obra para a produção industrial e o comércio. O uso da terra é voltado para a construção de residências, indústrias e comércios.

Para definir o urbano e o rural, nove características são analisadas a partir das suas diferenças no campo e na cidade: diferenças ocupacionais, ambientais, no tamanho das comunidades, na densidade populacional, na homogeneização e heterogeneização das sociedades, na diferenciação, estratificação e complexidade social, na mobilidade social, na direção da migração e no sistema de integração social. (Quadro 1)

**Quadro 1.** Síntese das diferenças entre o espaço urbano e o espaço rural

<b>Diferença</b>	<b>Rural</b>	<b>Urbano</b>
Ocupação	Coleta e cultivo de plantas e animais.	Produção artificial (indústrias e comércio).
Ambiente	Natural, relação direta com a natureza, ocupação dependente das condições climáticas e ambientais.	Artificial, os moradores da cidade estão separados por pedra e ferro.
Tamanho das comunidades	Pequenas comunidades.	Grandes aglomerações de pessoas.
Densidade populacional	Baixa concentração populacional, vista como aspecto negativo.	Alta concentração populacional, vista como aspecto positivo.
Homogeneização e heterogeneização	Homogeneidade das populações, tradições e costumes comuns.	Heterogeneidade das populações, diversidade da população.
Estratificação e complexidade social	Menos estratificado, menor divisão do trabalho entre os membros da sociedade.	Complexidade formada pela multiplicidade de grupos secundários, divisão social do trabalho.
Mobilidade social	Pouco dinâmica devido à baixa estratificação entre as ocupações do campo, “agricultores permanecem agricultores”.	Dinâmica, diferentes estratos sociais e ocupações que permitem uma maior mobilidade social.
Direção da migração	Em direção às áreas urbanas.	De uma área urbana para outra.
Sistema de integração social	Interação com um número reduzido de pessoas, relações de proximidade, contato face a face.	Complexo, dinâmico, superficial, interação com um número grande de pessoas, relações indiretas.

Fonte: Informações extraídas de Sorokin, Zimmerman e Galpin (1986)

Acima, foram apresentadas as ideias principais de cada uma dessas diferenças, de forma sintetizadas, de modo a compreender a relação existente entre o campo e a cidade na perspectiva de Sorokin, Zimmerman e Galpin (1986). Teve-se como objetivo, verificar como essas diferenciações explicaram a relação cidade-campo até o momento em novos elementos, como a modernização do campo, provocando mudanças que resultaram em novas formas de compreensão sobre o campo e a cidade (SOLARI, 1979).

Assim, essa análise evidencia uma concepção dicotômica do rural e do urbano, que enfatiza as diferenças entre os dois mundos como se fossem dois extremos, sem conexão entre eles. No entanto, embora consiga explicar a realidade de algumas relações entre o campo e a cidade, o advento das tecnologias da modernização da agricultura, a busca por qualidade de vida longe dos grandes centros urbanos e o crescimento desordenados das cidades vão contribuir para o surgimento de novas concepções.

### 3 Do contínuo rural-urbano às novas ruralidades e urbanidades

Como a visão dicotômica do rural e do urbano em dois extremos não contemplam a totalidade das relações que ocorrem entre o campo e a cidade, alguns autores identificam a existência de uma gradação infinita entre o meio urbano e o meio rural, favorecendo a ideia de um contínuo entre campo e cidade. “Desde a habitação isolada até a grande cidade existem inúmeros escalões intermediários que vão criando uma transição insensível entre o meio rural propriamente dito e o meio urbano”. (SOLARI, 1979, p. 10)

Queiróz (1979) aponta que as definições de campo e cidade envolvem a composição das sociedades e o momento histórico. Sua compreensão analisa o meio rural como parte de um conjunto mais amplo do qual faz parte junto com a cidade, exemplificando, através do caso brasileiro, que possui uma situação diferente das analisadas por Sorokin, Zimmerman e Galpin (1986) e Solari (1979). Como também foi demonstrado nos trabalhos de Ruy Moreira (2005), a relação a cidade e o campo está relacionada ao processo de colonização, o que conferiu um caráter diferenciado para as cidades brasileiras, que continuou com um modelo econômico agroexportador, mesmo após a Independência do Brasil, em 1822.

[...] um dos quadros sociológicos mais importantes a ser traçado atualmente para o Brasil seria o dos tipos de cidades brasileiras, suas funções regionais, de sua dependência ou não com relação ao meio rural circundante. Tal quadro permite afirmar com maior certeza o caráter mais ou menos urbanizado da sociedade global brasileira, já que não é apenas o fato da população habitar concentrações urbanas que dá ao país o caráter de urbanizado. (QUEIRÓZ, 1979, p. 165).

Nas abordagens geográficas, as relações entre campo e cidade acompanham o desenvolvimento teórico metodológico da própria geografia, que pode ser dividida em tradicional, teórica quantitativista, crítica e cultural. (ALVES, 2012)

Na geografia tradicional ou clássica predomina a visão dicotômica do rural e do urbano. A população é predominantemente rural e as atividades econômicas são essencialmente agrícolas, determinando o ritmo das cidades. A área urbana é dispersa, dependente do campo e tem como objetivo escoar a produção agrícola. Na geografia teórica, os estudos vão ser realizados a partir de modelos quantitativos e se compreende que o processo de urbanização vai se desenvolvendo através de círculos concêntricos. (ALVES, 2012)

As mudanças ocorridas na sociedade, nos modos de produção, nos sistemas de comunicação e transporte, a modernização da agricultura e as relações sociais, entre outros aspectos, contribuem para a reformulação dos estudos da relação cidade-campo. “Após a década

de 1990, muitos estudos na geografia agrária e urbana partiram para as interpretações das inter-relações dos espaços contínuos” (ALVES, 2012, p. 14). Nessa abordagem, “o *continuum* se desenha entre um polo urbano e um polo rural, distintos entre si e em intenso processo de mudança em suas relações” (WANDERLEY, p. 33, 2001).

Os estudos de Locatel e Hespanhol (2009), por meio da abordagem territorial, considerando o território como um espaço delimitado onde coexistem diferentes atores e relações de poder, contribuem para a discussão das definições de rural e urbano, dada a multifuncionalidade dos espaços rurais e urbanos na atualidade.

Com a intensificação das relações, torna-se cada vez mais difícil separar o rural do urbano, o que não significa que esses espaços não existam. As categorias de análise campo e cidade ou rural e urbano, tomadas de maneira dicotômica não explicam a realidade territorial de um município, de uma região ou de um país. (LOCATEL; HESPANHOL, 2009, p. 127)

A compreensão de que não é possível mais explicar a relação cidade e campo de modo dicotômico, na qual a cidade e o campo são definidos por meio de suas diferenciações, como foi proposto por Sorokin, Zimmerman e Galpin (1986), resultou em novas discussões e no surgimento de novas teorias. Alguns autores como Alentejano (2003) e Sergio Gomes (2001) propõem novas formas de caracterizar a cidade e o campo, para além de suas diferenciações.

Os autores evidenciam, por meio das suas análises, que elementos comuns da cidade podem estar presentes no campo sem descaracterizá-lo, propondo uma nova ruralidade. Acrescenta-se que uma nova ruralidade se deve à mudança das relações sociais e econômicas que ocorreram no campo com o advento do processo de globalização e das tecnologias, impactando diretamente na dimensão territorial, ocupacional e cultural.

La situación así conceptualizada como nueva ruralidad tiene impacto en tres dimensiones: a) territoriales, a través del cambio en la valoración de los espacios rurales; b) ocupacionales, mediante el cambio en el peso relativo de las actividades primarias, secundarias y terciarias; y c) culturales, en el cambio de los patrones del conocimiento y de los valores de las poblaciones rurales (GOMEZ, 2001, p. 19)<sup>2</sup>.

Gomez (2001) aponta mudanças no rural brasileiro, considerando as análises de Silva e Del Grossi (1988), para as alterações ocorridas nas atividades desenvolvidas no campo, propondo uma nova ruralidade que envolve três grupos de atividades: uma agricultura moderna

---

<sup>2</sup> Tradução: A situação assim concebida como uma nova ruralidade tem impacto em três dimensões: a) Territorial, através da mudança na valorização dos espaços rurais; b) Ocupacional, através da alteração do peso relativo das atividades primárias, secundárias e terciárias; e c) cultural, na mudança de padrões de conhecimento e nos valores das populações rurais.

ligada à agroindústria, um conjunto de atividades não agrícolas (artesanato, entretenimento e turismo rural) e um conjunto de novas atividades agropecuárias destinadas a nichos especiais de mercado.

Essas atividades não são, de fato, novas, porém adquiriram uma importância na atualidade que não havia no passado, pois eram voltadas para o alto consumo e, atualmente, são bastante comercializadas. (GOMEZ, 2001) Os grupos de atividades que surgem no campo podem proporcionar uma fonte de renda secundária para a população rural. No entanto, outros fatores também interferem nessa nova dinâmica.

Ruy Moreira (2005, p. 06) também salienta a presença da agroindústria na compreensão do mundo rural contemporâneo, apresentando o papel dos complexos agroindustriais na fusão entre o campo e a cidade. Por meio dessa fusão ocorre a migração da indústria para o campo, repercutindo nas relações existentes entre o campo e a cidade, ao fundirem os setores da economia em um único, reorientando a divisão territorial do trabalho moderno. Nesse sentido, as atividades do setor primário se encontram no campo e as atividades do setor secundário e terciário ocorrem na cidade.

A modernização da agricultura também é identificada como um fator que intensifica as relações cidade e campo, num processo não mais dual, mas complementar. Em algumas situações, a agroindústria pode ser determinante na coordenação dos espaços urbanos que dependem das atividades da agroindústria na medida em que é responsável por fornecer suporte para o desenvolvimento da agroindústria que, por sua vez, determina o crescimento da cidade.

A cada renovação das forças produtivas agrícolas e agroindustriais, a cada renovação dos sistemas técnicos agrícolas e dos sistemas de ação que lhes dão suporte, as cidades que coordenam os espaços agrícolas de produção intensiva tornam-se responsáveis pelo atendimento das demandas crescentes de uma série de novos produtos e serviços, das sementes transgênicas à mão-de-obra especializada. Isto faz crescer a urbanização, o tamanho e o número das cidades. (ELIAS, 2008, p. 08).

Desta forma, a visão dicotômica por si só não consegue explicar as relações que acontecem entre o campo e a cidade. Ademais, a noção de contínuo urbano-rural também não contempla a totalidade das relações que ocorrem entre cidade e campo, pois surgem diferentes ruralidades e urbanidades que não suportam uma concepção única para compreender todas as situações que envolvem a cidade e o campo, o urbano e o rural.

A modernização da agricultura, a globalização e os avanços nos sistemas de comunicação e transporte revelam mudanças multidimensionais nas relações entre o urbano e o rural, que serão distintas, principalmente pelo viés adotado na análise e na formulação das

teorias. Nesse sentido, ao investigar uma ou mais características desses espaços percebemos que algumas delas, tais como a presença de máquinas e tecnologia de ponta, consideradas essencialmente urbanas, estão muito presentes no espaço rural. Do mesmo modo, as relações de proximidade e a baixa densidade populacional podem ser encontradas em cidades pequenas.

Além das diferentes urbanidades e ruralidades, com o processo crescente de urbanização, as áreas do entorno das cidades passam a ter características bastante distintas, coexistindo traços urbanos, rurais e naturais. Esses espaços são denominados espaços periurbanos. Vale e Gerardi (2006) fazem uma análise dos termos adotados para identificar esses locais, que embora possam ser definidos a partir da delimitação do lugar, não contemplam a totalidade do território, que envolve as relações entre as pessoas e as múltiplas funções do território.

Segundo Vale e Gerardi (2006), a cidade expande seu limite físico sobre o campo, ocorrendo uma integração do espaço rural pela cidade. De acordo com Vale e Gerardi (2006) essa integração pode ocorrer de duas formas: através do crescimento compacto das cidades, em forma de anéis concêntricos, invadindo os espaços mais próximos, integrando-os à economia urbana e/ou através da urbanização de áreas mais distantes (dezenas de quilômetros) denominada urbanização difusa ou dispersa.

Tal situação contribui para que coexista, no mesmo espaço, características particulares do campo e da cidade. Assim, além dos espaços tipicamente urbanos e rurais, tem-se espaços de transição, conhecidos como espaços rururbano, espaço periurbano, franja urbana, franja rural urbana, entre outros.

Na franja rural-urbana, muitas vezes a face visível do espaço (a paisagem) continua tendo um aspecto “rural”, às vezes até belamente bucólico – algumas plantações, muito verde, grandes espaços servindo de pastagem para algumas cabeças de gado -, quando, na verdade, por trás disso se verifica uma presença insidiosa e cada vez mais forte da “lógica” urbana de uso do solo. Grandes áreas servindo de pastagem para umas tantas cabeças de gado, por exemplo, nada mais são frequentemente, que uma “maquiagem” para glebas mantidas como reserva de valor por empreendedores urbanos; são, assim, terras de especulação, “em pousio social”, por assim dizer, e que serão convertidas, depois de muitos anos ou mesmo após algumas décadas, em loteamentos populares ou condomínios fechados de alto status, dependendo de sua localização. (SOUZA, 2003, p. 27-28)

Nos espaços periurbanos pode ser encontrada a justaposição de três tipos de espaços: os naturais, os rurais e os urbanos. Nesses locais se encontram modo de vida urbano em paisagens que se assemelham ao meio rural e o contrário também.

Assim, os espaços periurbanos possuem uma dinâmica completamente diferente, das que ocorrem nos âmbitos urbanos e rurais tradicionais. Nesses locais coexistem atividades

agrícolas, pousadas, segunda residência, áreas de reserva, chácaras, entre outros espaços. Da mesma forma, as pessoas que residem nesse lugar vivem da atividade agropecuária ou utilizam essas áreas apenas como moradia, desenvolvendo atividades diárias tipicamente urbanas, constituindo-se em espaços bastante heterogêneos.

As diversas dinâmicas que envolvem os municípios brasileiros produzem espaços heterogêneos em todo o território. Tais situações são pautadas nas relações entre a cidade e o campo, que se apresentam com espaços em que as características que os definem vão sofrendo alterações ao longo do tempo, produzindo relações diferenciadas em locais com características específicas, como é possível constatar no município de Ilha Solteira, que foi planejado pela CESP para receber os funcionários que atuariam na construção da Usina Hidrelétrica e que seria a base para a formação do município.

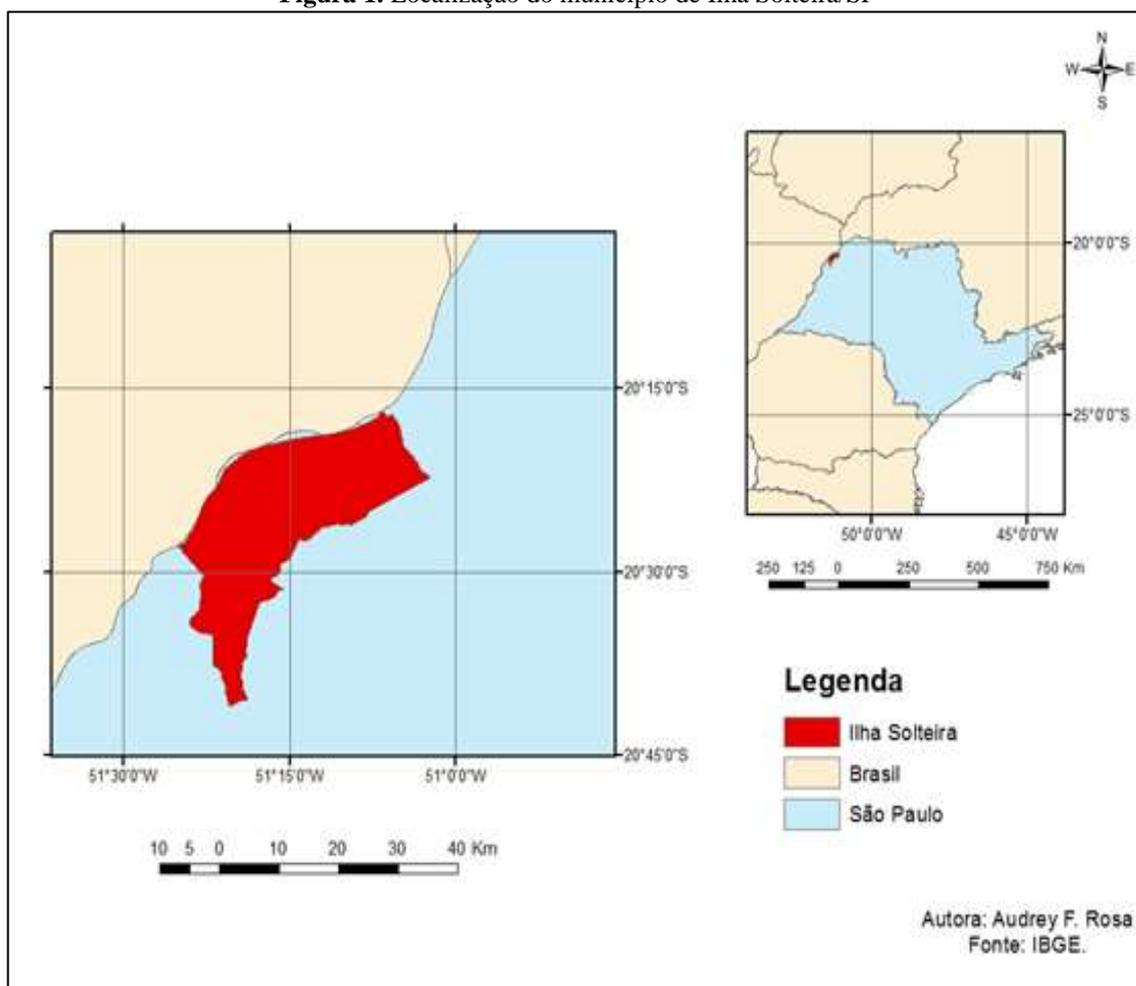
Com o passar dos anos, a área urbana foi crescendo. Como o seu crescimento não foi pensado no planejamento, a urbanização se estendeu por outras áreas, inclusive pela área do Cinturão Verde, configurando novas formas espaciais em que coexistem elementos urbanos e rurais no mesmo espaço.

O crescimento não planejado da cidade não é o único fator responsável por essa dinâmica. Outros fatores como a construção de condomínios fechados distantes da área urbana principal e a falta de investimentos para a manutenção das propriedades que compõe o Cinturão Verde levaram à expansão da infraestrutura urbana para a área rural, reconfigurando o espaço rural.

#### **4 Estudo de caso do município de Ilha Solteira – SP**

O município de Ilha Solteira está localizado no noroeste do estado de São Paulo e ocupa uma área de 652,641 km<sup>2</sup> (Figura 1). Com uma população total de 25.064 habitantes, o município concentra 93,79% da população na área urbana (23.520 habitantes), enquanto a população rural é de 1.554 habitantes, correspondendo a 6,21% da população do município, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE (2010).

**Figura 1.** Localização do município de Ilha Solteira/SP

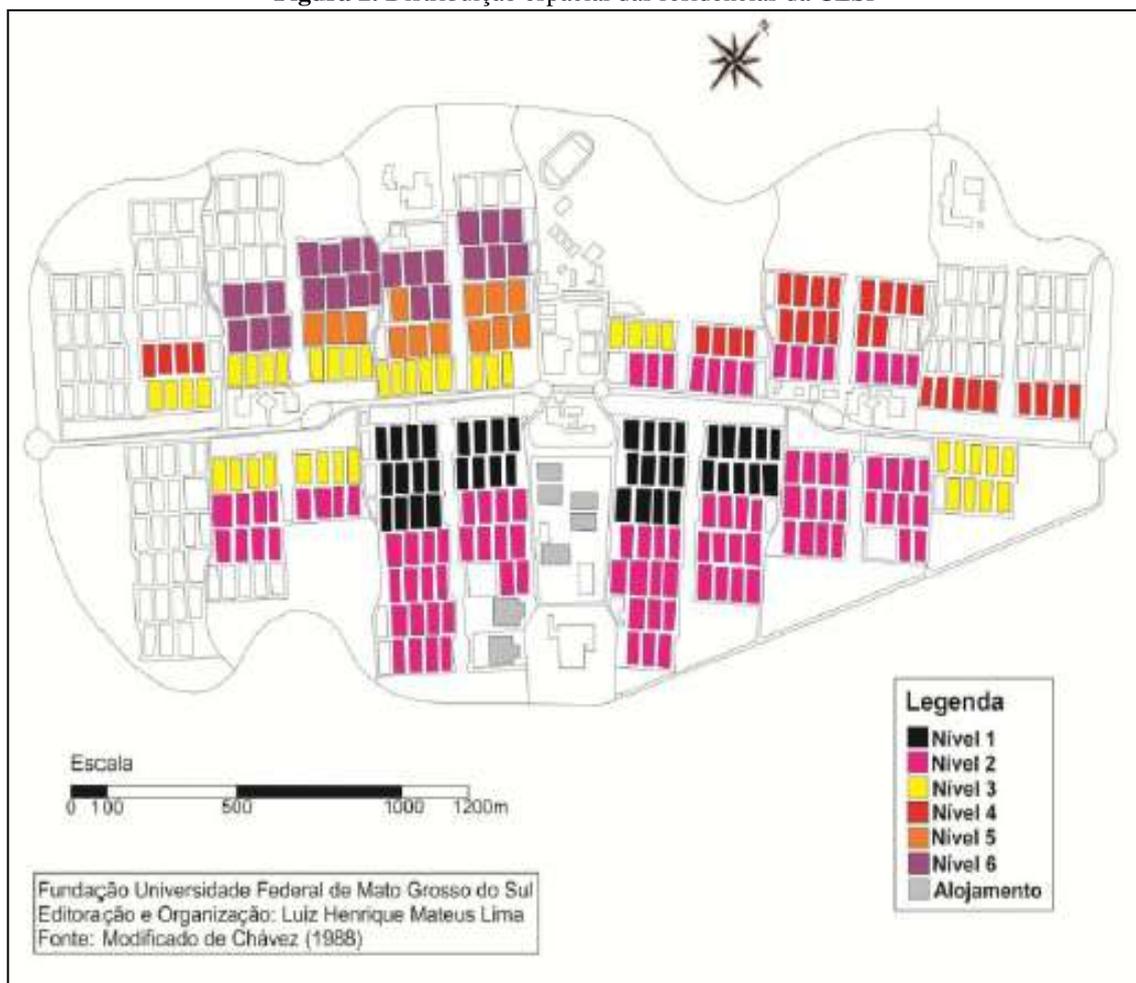


A urbanização de Ilha Solteira tem características distintas das cidades do oeste paulista, cujos núcleos urbanos foram formados a partir da expansão da cafeicultura e da estrada de ferro. Ilha Solteira teve seu início a partir da construção da usina hidrelétrica de Ilha Solteira, pela CESP. A área urbana do município de Ilha Solteira foi criada com o objetivo de receber os trabalhadores da CESP para a construção da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira, vindos de diversas partes do Brasil. Esses colaboradores vieram com suas famílias para residirem nesse local durante a construção da Usina.

A estratificação social é evidente nessa distribuição por nível, mesmo que tal fato pudesse ocasionar um processo de segregação socioespacial que, de certa forma, já estava inserido nesse modo de distribuição. É importante ressaltar que, de acordo com o documento original de implantação do projeto, apenas aos alojamentos seria aplicado o sistema de categorias funcionais. Porém, isso se expandiu para todo o projeto de construção da cidade. (FROELICH, 1999)

A distribuição das casas, a área construída, o padrão arquitetônico e a localização dessas residências demonstram a existência de uma divisão de acordo com o nível profissional dos trabalhadores da CESP em Ilha Solteira, o que remonta desde o período de instalação da Usina Hidrelétrica. Isso ocorreu, pois, as residências foram construídas em seis níveis diferentes, de acordo com a atividade ou função desempenhada pelos trabalhadores (figura 2).

**Figura 2.** Distribuição espacial das residências da CESP



Fonte: Extraído de Lima (2013)

Como a maior parte dos trabalhadores era dos níveis I e II, a maioria do núcleo urbano de Ilha Solteira foi construída de acordo com os padrões das casas de nível I e II, as casas de nível I não existem mais, pois eram casas de madeira. As residências de nível II foram construídas na forma de conjuntos de casas geminadas, possuem pouco espaço físico, além de outros problemas causados pelo padrão arquitetônico.

Desde sua fundação, Ilha Solteira preserva suas casas ligadas umas as outras – geminadas –, que formam os quarteirões onde as casas ficam em fileira, estando uma

de frente para a outra, tendo somente uma rua que as separam. Esses locais são chamados de vielas, pois as casas não têm espaço entre si, fazendo com que as casas estejam unidas umas com as outras. (LIMA, 2013, p. 151)

As casas de nível III e IV eram destinadas aos profissionais de nível técnico que se deslocaram para Ilha solteira, tais como chefes de turma, assistentes técnicos, auxiliares de serviço social, encarregados de operação, de manutenção, entre outros. Dessa forma, as residências de nível V e VI possuíam um padrão superior em relação às residências dos demais níveis, não só em relação à disposição, como também em relação ao tamanho das residências e a infraestrutura. Essas residências eram destinadas aos profissionais com formação superior: médicos, engenheiros, assistentes sociais e outros profissionais que se mudaram, com toda a família, para trabalhar no empreendimento da CESP.

As características apontadas por Lima (2013) também puderam ser evidenciadas no trabalho de campo realizado na disciplina “Relação cidade-campo e desenvolvimento rural”, no município de Ilha Solteira, no primeiro semestre de 2017. Pode-se ser acrescentado às observações realizadas, o fato de que as casas de nível II (figura 3) não possuem calçadas, as ruas são estreitas, as casas são pequenas e geminadas.

**Figura 3.** Casa geminada no município de Ilha Solteira/SP



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

É possível perceber que persistem os traços característicos da época de sua construção, em 1966, recebendo seus primeiros moradores em 1968. As casas geminadas se apresentam de maneira negativa para a população que reside nessas residências, devido à falta de privacidade, as condições dessas moradias, o fato de apenas uma parede separar uma casa da outra, a

ausência de espaços para ampliação das casas, falta de lugar onde as crianças possam brincar no dia a dia, de acordo com as informações fornecidas por moradores do local.

Por outro lado, os trabalhadores que ocupavam os cargos mais altos na CESP tiveram à sua disposição casas espaçosas, com jardim, áreas de lazer e praças que privilegiaram a qualidade de vida desses moradores (DOURADO et al., 2003).

Para contemplar o objetivo de fornecer os gêneros alimentícios agrícolas necessários para abastecer o núcleo urbano, fazia parte do projeto da CESP a destinação de uma área para a implementação de um projeto de assentamento denominado Cinturão Verde, que assentou agricultores do município de Pereira Barreto/SP, próximo de Ilha Solteira.

A CESP desenvolveu todo o projeto de implantação do Cinturão Verde, fornecendo a infraestrutura necessária para viabilizar o desenvolvimento do projeto. A empresa incentivou a criação de uma associação dos assentados, que acabou se caracterizando ao longo do tempo como uma associação de máquinas e implementos agrícolas, além de fornecer profissionais especializados, como engenheiro agrônomo, técnicos agrícolas, assistente social, agentes administrativos, entre outros, durante o período em que a CESP foi responsável pelo projeto do Cinturão Verde.

Ao longo da sua existência foram implantados vários programas de assistência aos produtores como intervenções de caráter psicossocial, diagnóstico rural participativo, programa estadual de microbacias hidrográficas, patrulha agrícola (tratores, implementos, caminhões, veículos de passeio e utilitários), programa de máquinas, entre outros. (SILVA; HESPANHOL, 2011, p. 40)

A partir de 1993, a CESP passou a responsabilidade de dar andamento ao projeto para a Prefeitura do município de Ilha Solteira/SP, que tem dado continuidade ao projeto até a atualidade, porém, com menor ênfase, dada a necessidade de investimento de recursos públicos para seu funcionamento. Essa condição facilitou o processo de incorporação das áreas rurais para o uso urbano, uma vez que a cidade não tinha como crescer horizontalmente sem ocupar os espaços rurais.

A criação do Cinturão Verde limitou a expansão da área urbana para a porção norte ocidental do município e na porção oriental se tem o Assentamento Estrela da Ilha, que também limita a expansão da área urbana. Dessa forma, a expansão da área urbana acabou incorporando as áreas do Cinturão Verde, sendo possível verificar, em alguns lotes, a presença de diversas habitações e comércios (figura 4) característicos das áreas urbanas e que atendem aos interesses urbanos.

**Figura 4.** Vista de um dos lotes do Cinturão Verde



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

De acordo com as observações realizadas em campo, se passaram mais de 30 anos desde a implantação do assentamento e se pode perceber mudanças significativas em grandes áreas do Cinturão Verde, causadas principalmente pela expansão da área urbana, descaracterizando a sua finalidade inicial.

O Projeto Cinturão Verde de Ilha Solteira foi pensado e planejado como um projeto de assentamento. Os documentos da Cesp referem-se a esta iniciativa, implantada em 1984, como tendo um “duplo objetivo: de contribuir para a auto-suficiência do Núcleo Urbano de Ilha Solteira, e de assentar pequenos agricultores, os quais se caracterizam como posseiros, arrendatários, meeiros, diaristas, etc., do município de Pereira Barreto, contribuindo assim para o fortalecimento da economia rural local e o desenvolvimento econômico social de parte de sua população.” (ARAUJO et al, 2007, p. 03 apud CESP, 1988, p. 01)

Pereira, Alves e Costa (2012, p. 11) apontam para a necessidade de um ordenamento territorial dos espaços periurbanos, no sentido de contribuir para evitar que a urbanização desarticulada provoque problemas ambientais. “A função do ordenamento territorial nos espaços periurbanos, não estaria restrita em apenas organizar as atividades plurifuncionais nas áreas aparentemente rurais, mas acima de tudo, impedir que a expansão urbana desarticulada, acarrete na sua desqualificação ambiental”.

Assim, percebemos que os problemas que vão surgindo nesses espaços no município de Ilha Solteira derivam da urbanização desordenada que atinge o Cinturão Verde, pois nessa área encontramos a construção de condomínios, de casas irregulares para aluguel, bares e até um posto de gasolina que está dentro do perímetro pertencente ao Cinturão Verde.

## 5 Considerações Finais

Os questionamentos levantados na introdução deste trabalho sobre a relação cidade e campo foram contemplados e se chegou à conclusão de que, de fato, as teorizações dicotômicas não conseguem dar conta de explicar os fenômenos da atualidade. Isso ocorre devido às mudanças que aconteceram na sociedade em decorrência ao processo de globalização alavancado pelos avanços nos transportes e na comunicação, que ampliaram as relações entre as pessoas até a escala global.

Diferentes estudos têm surgido, partindo da ênfase na interpretação de determinadas dimensões que compõem o mundo rural e o mundo urbano, seja pelo viés econômico, partindo das ocupações e funções, seja pelo viés social, analisando o modo de vida e a relação com a natureza, com o objetivo de compreender as relações campo-cidade. Assim, a relação urbano-rural está cada vez mais complexa, graças aos avanços tecnológicos e o processo de globalização e mundialização da economia.

O mundo rural e o mundo urbano absorveram esses avanços em diferentes proporções, sendo possível encontrar áreas rurais com um grau de ciência e tecnologia muito maior que em uma cidade. Tal situação demonstra que o surgimento de novas e diferentes ruralidades também pode explicar as relações entre o campo e a cidade na atualidade.

No caso do município de Ilha Solteira percebe-se uma forte divisão entre o campo e cidade no início de seu desenvolvimento, com áreas bem delimitadas para o campo e para a cidade. No entanto, com o passar dos anos, a área urbana se expandiu sobre o campo, se apropriando das áreas rurais para a instalação de condomínios fechados, moradias populares, entre outros.

Cabe ressaltar que a forma como foi planejada e construída a cidade de Ilha Solteira, foi determinante para o modo como ocorre as relações entre as pessoas na cidade e no campo. Isso acontece também com a dinâmica espacial adquirida através do planejamento de implantação da cidade e do Cinturão Verde, desconsiderando a possibilidade não só de crescimento da área urbana, como também da melhoria na qualidade de vida das pessoas e das residências, uma vez que os padrões adotados nem sequer permitem a sua ampliação.

## Referências

ALENTEJANO, Paulo Roberto. As relações campo-cidade no Brasil do século XXI. **Terra Livre**, São Paulo/SP, ano 19, v. 2, n. 21, p. 01-22, jul./dez., 2003.

ALVES, Flamarion Dutra. A relação campo-cidade na geografia brasileira: apontamentos teóricos a partir de periódicos científicos. **Geografia, Ensino & pesquisa**, Santa Maria/RS, v. 16, n. 3, p. 07-18, set./dez. 2010.

ARAÚJO, Carlos Augusto Moraes; HESPANHOL, Rosângela Aparecida Medeiros; BARONE, Luiz Antonio; TARSITANO, Maria Aparecida Anselmo. “Autonomia e dependência na Associação dos Pequenos Agricultores do Projeto Cinturão Verde de Ilha Solteira”. In: **Congresso brasileiro de administração, economia e sociologia rural**, Londrina (PR). 2007. (CD-ROM).

BRASIL. IBGE. **Censo demográfico**, 2010. Disponível em: [www.ibge.com.br](http://www.ibge.com.br), acesso em: 20 de junho de 2017.

DOURADO, Lilian Aparecida Campos; SILVA, Edima Aranha; HERNANDES, Fernando Braz Tangerino; VANZELA, Luis Sergio. Ilha Solteira contraste de uma cidade planejada. In: XII Encontro Sul-Matogrossense de Geografia, Três Lagoas, 2003.

ELIAS, Denise. Redes agroindustriais e urbanização dispersa no Brasil. **X Colóquio Internacional de Geocrítica**, 2008.

FROELICH, Gilval Mosca. **Ilha Solteira: uma história de riqueza e poder (1952-1992)**. (Tese de doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

GÓMEZ, Sergio E. Nueva Ruralidad? Um aporte al debate. **Estudios, Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro/RJ, n. 17, p. 05-32, out., 2001.

LIMA, Luiz Henrique Mateus. A construção da usina hidrelétrica e os primeiros sinais de segregação socioespacial em Ilha Solteira/SP, **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Três Lagoas/MS, Ano 10, n. 18, p. 142-160, nov., 2013.

LOCATEL, Celso Donizete; HESPANHOL, Antonio Nivaldo. Desenvolvimento da agricultura e espaço rural. In: SILVEIRA, M.R.; LOMOSO, L. P.; MOURÃO, P. C. **Questões Nacionais e regionais do território brasileiro**. São Paulo: Expressão popular, 2006. p. 117-132.

MOREIRA, Ruy. Campo e cidade no Brasil contemporâneo. **Conferência no simpósio Interfaces das representações urbanas em tempos de globalização**, São Paulo, SESCSP, 2005.

PEREIRA, Anete Marília; ALVES, Carlos Henrique Silva; COSTA, Dayane Sthepanie Maia. A plurifuncionalidade e o ordenamento territorial nos espaços periurbanos, breves considerações. **Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas**, Minas Gerais, Ano 1, n. 02, p. 01-14, out., 2012.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Do rural ao urbano no Brasil. In: SZMRECSANYI, Tamás; QUEDA, Oriowaldo. **Vida rural e mudança social**. Editora Nacional: São Paulo, 1979,

SILVA, Paulo Jurado da. HESPANHOL; Rosangela Aparecida de Medeiros. Relações cidade-campo e urbano-rural: contribuição para a análise geográfica do projeto cinturão verde de Ilha

Solteira, São Paulo e para o programa vilas rurais em Lerroville, Paraná, Brasil. **Revista Geoatos**. Departamento de Geografia da FCT/UNESP, Presidente Prudente, n. 11, v.2, julho a dezembro de 2011, p.33-48.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do Desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOLARI, Aldo. O objeto da Sociologia rural. In: SZMRECSANYI, Tamás; QUEDA, Oriowaldo. **Vida rural e mudança social**. Editora Nacional: São Paulo, 1979,

SOROKIN, Pitirim Alexandrovich; ZIMMERMAN, Carle C.; GALPIN, Charles Josiah. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: MARTINS, José de Souza (Org.). **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, 1981.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACCA, Norma (org.) **Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires, p. 31-44, 2001.

VALE, Ana Rute do; GERARDI, Lúcia Helena de Oliveira. **Crescimento urbano e teorias sobre o espaço Periurbano: analisando o caso do Município de Araraquara (SP)**. In: GERARDI, Lúcia Helena de Oliveira (Org.) Geografia: ações e reflexões. 1 ed. Rio Claro: AGETEO; Programa de pós graduação em geografia, 2006, p. 231-246.